

## A FAMÍLIA AMARAL GURGEL

( REVISÃO CRÍTICA E CONTRIBUIÇÕES GENEALÓGICAS )

*Marcelo Meira Amaral Bogaciovás*

Este artigo tem como objetivo fazer uma revisão crítica das primeiras gerações desta família no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Lages, então pertencente à capitania de São Paulo- hoje estado de Santa Catarina, publicando ainda o que se encontrou de inédito em arquivos, auxiliando assim pesquisas futuras.

Amaral Gurgel ou Gurgel do Amaral, apelidos assim combinados e sonoramente fortes, resistem às ações do tempo por quase quatro séculos de ricas tradições. Prova disso foi a primeira convenção da família Amaral Gurgel em Fortaleza, através da iniciativa do engenheiro Aldysio Gurgel do Amaral, em concorrida festa havida em 21 de setembro de 1990. Oxalá ocorram novos encontros como esse para perpetuação da memória e do engrandecimento do estudo da genealogia em nosso país.

A família Amaral Gurgel teve seu princípio no casamento do francês Toussaint Gurgel com a carioca Domingas de Arão (do Amaral) em princípios do século XVII na cidade do Rio de Janeiro. Em livros, a mais antiga referência a essa família, e que ainda serve de base para historiá-la, é a de Pedro Taques (1) que nos informa que Toussaint (ou Tucen) Gurgel veio para o Brasil como cabo de uma armada francesa, sendo preso em Cabo Frio, por comercializar pau-brasil, pelo destemido João de Souza Pereira de Botafogo. Escreveu ainda Pedro Taques (2) que, na dúvida, fora Tucen pai de Mecia de Arão Gurgel, casada com o coronel José Nunes do Amaral, moradores na cidade do Rio de Janeiro e pais do sargento-mor Bento do Amaral da Silva, tronco dos Amaraes Gurgéis de São Paulo e do sul do país. Estas informações de Taques foram certamente obtidas junto aos filhos do dito sargento-mor em meados do século XVIII, as quais foram acompanhadas em parte pelos genealogistas que se lhe seguiram. Silva Leme (3), por exemplo, apenas acrescenta, e erroneamente, o nome da mulher de Tucen, nomeando-a Isabel do Amaral, engano esse que se pode atribuir às árvores de costado do cônego Roque de Macedo Leme (4).

O primeiro a discordar de Pedro Taques, Silva Leme e do cônego Roque de Macedo foi o genealogista fluminense Carlos G. Rheingantz, que à frente do Colégio Brasileiro de Genealogia escreveu em 1965 três volumes (apenas dois vieram a lume) de "Primeiras Famílias do Rio de Janeiro". Servido de ampla documentação paroquial, o estudo da família Amaral Gurgel, por Rheingantz, é o mais aceito atualmente. Ele fornece o nome da mulher

de Tucen Gurgel, Domingas de Arão (do Amaral), e corrige Taques ao substituir o nome de José Nunes do Amaral (que aliás não consta em papéis ser coronel) por José Nunes da Silva. O único lapso de Rheingantz, talvez, tenha sido o de não dar a devida atenção às lições do maior genealogista brasileiro, Pedro Taques, pois ao se referir a três irmãs do já citado Bento do Amaral da Silva, que foram freiras em Lisboa, dá como fonte Silva Leme, quando o correto seria mencionar Pedro Taques, o primeiro depositário destas notícias, e mais, não relacionar Francisco do Amaral Gurgel como irmão do Bento, cujo Francisco deixou grande geração em Parati. Mas, justiça seja feita, a pesquisa levada a cabo por Rheingantz e pela equipe do Colégio Brasileiro de Genealogia trouxe novas luzes para melhor compreensão da formação dos Amaraes Gurgéis.

Restam dúvidas quanto a origem de Domingas de Arão (do Amaral). Quem seriam seus pais? De onde viria o "Amaral"? E qual a origem do apelido "Arão"? Espanhol, francês, ou português mesmo? Perguntas que até o momento não podem ser respondidas, simplesmente por falta de documentação. Houve a "tentativa" de Heitor Gurgel (5), que apenas lançou mais confusão na origem de Domingas de Arão, afirmando, sem consultar documento algum, dentre outras coisas, que Tucen Gurgel era natural da Alsácia, filho de pai alemão e de mãe francesa, e que se casara no Rio de Janeiro com Domingas de Arão, a qual era filha de Dom Antonio Diogo do Amaral e de Micaela de Jesus Arão. Essas afirmações não podem ser levadas a sério porque Heitor Gurgel pretendeu, ao que me consta, escrever um romance histórico sem se ater forçosamente às considerações históricas e genealógicas. Por exemplo, o casal Dom Antonio Diogo do Amaral- Micaela de Jesus Arão não aparece em nenhum documento carioca. O lamentável é que Heitor Gurgel tenha influenciado o coronel Salvador de Moya e o dr. Carlos Fouquet (6), e mais recentemente o engenheiro Aldysio Gurgel do Amaral (7). Portanto ainda persiste o mistério da origem da família Amaral no Rio de Janeiro, e isto se constitui em um verdadeiro desafio que deixou cair em tentação uma longa série de genealogistas no decorrer do tempo, como aos primos Celso Maria de Mello Pupo, Orlando Prado Browne e José Ubaldino Motta do Amaral, e aos amigos Gilson Caldwell do Coutto Nazareth e Carlos Eduardo Barata, o qual último, ao visitar a França, ali percorreu seus arquivos e instituições genealógicas atrás de pistas do nosso avoengo, o pirata (corsário para os franceses) Tucen Gurgel, sem nada encontrar.

Já antes do final do século XVII a família Amaral Gurgel era sinônimo de nobreza. Basta dizer que quando um membro da família se habilitou em 1711 ao Santo Ofício (8), nenhuma exigência se fez quanto à pureza do sangue Amaral Gurgel, já que se tratava das melhores famílias do Rio de Janeiro, como atestou o padre Estevão Gandolfi. Antes, em 1705, um neto do casal Tucen Gurgel-Domingas de

Arão, o dr. Cláudio Gurgel do Amaral (3) recebeu carta de brasão de armas dos Amaraes por ser descendente dos verdadeiros Amaraes do reino de Portugal. Pleitearam e obtiveram também o brasão dos Amaraes: José Corrêa do Amaral Gurgel e seu irmão Cláudio Gurgel do Amaral (outro), Francisco Carvalho da Cunha e Amaral, José Viana do Amaral Rocha e Francisco do Amaral Gurgel. Observar que o brasão concedido aos Gurgéis não deve ser levado em consideração, já que o Cartório de Nobreza confundiu Gurgel com Gorjão. O brasão dos Amaraes: "em campo de ouro seis crescentes azuis com as pontas para baixo em duas palas".

Outra grande dúvida a desafiar genealogistas é quanto à filiação do padre dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, filho de pais incógnitos, nascido a 08-SET-1797 em São Paulo, sendo batizado a 26 do mesmo mês na Sé de São Paulo, sendo padrinho o reverendo Joaquim Mariano da Costa Amaral Gurgel, vigário da Aldeia da Ajuda (atual Itaquaquecetuba). Foi exposto em casa de D. Beatriz Leoniza do Amaral Gurgel (Genealogia Paulistana, de Silva Leme, volume II, 168), e habilitado "de genere et moribus" para se tornar presbítero de São Pedro, em cujo processo (de nº 2-50-1161 no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo) se vê que seu auto de patrimônio foi feito a 20-AGO-1817 na cidade de São Paulo em residências das doadoras D. Matilde Policena do Amaral Gurgel e D. Maria Joaquina do Amaral Gurgel, ambas irmãs da citada D. Beatriz. Entraria o padre Manoel Joaquim neste ramo? Lembrando, ele tomou parte no movimento da Independência do Brasil e por isso foi deportado, bacharelou-se e doutorou-se pela Faculdade de Direito de São Francisco, em São Paulo, da qual foi professor e diretor, sendo ainda jornalista, deputado provincial e vice-presidente da província de São Paulo (atual cargo de vice-governador do estado de São Paulo), vindo a falecer em São Paulo a 15-NOV-1864.

#### A FAMÍLIA AMARAL GURGEL

I - TUCEN GURGEL era francês e foi aprisionado em fins do século XVI ou em princípios do XVII em Cabo Frio por estar comercializando pau brasil. Segundo Pedro Taques era cabo de uma armada francesa. Tendo por menagem a cidade do Rio de Janeiro, ali se casou por volta de 1605 com DOMINGAS DE ARÃO (DO AMARAL), a qual faleceu depois de 1654 (9). Foram pais de (não vão na ordem):

F1) MARIA DO AMARAL, nasceu por volta de 1607, talvez no Rio de Janeiro, onde faleceu a 08-JAN-1671. Casou-se (10) primeira vez a 19-ABR-1621 no Rio de Janeiro com ANTONIO RAMALHO, e segunda vez por volta de 1634 com DIOGO DA FONSECA, falecido a 09-AGO-1686 no Rio. Com geração dos

dois. Do segundo casamento nasceu o reverendo padre FRANCISCO ALVARES DA FONSECA.

- F2) Padre FRANCISCO DO AMARAL GURGEL, nasceu por volta de 1610, talvez no Rio de Janeiro, onde faleceu a 06-DEZ-1691. Foi celebrante do batizado de seu sobrinho Bento do Amaral da Silva. Sua habilitação "de genere et moribus" (que não existe mais no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro) poderia esclarecer as dúvidas existentes sobre a família.
- F3) ISABEL DO AMARAL (GURGEL), nasceu por volta de 1613, talvez no Rio, onde faleceu a 17-SET-1654. Foi madrinha de batizado de seu sobrinho Bento do Amaral da Silva. Casou-se por volta de 1630 com o francês CLAUDE ANTOINE BESANÇON, falecido em 30-DEZ-1677 no Rio, o qual depois de viúvo casou-se novamente por volta de 1660 com MARIA CARVALHO. Sem geração dos dois casamentos.
- F4) ANGELA DE ARÃO, batizada (11) a 09-NOV-1616 no Rio de Janeiro, onde se casou por volta de 1635 com o português JOÃO BATISTA JORDÃO, natural da freguesia de NS. da Conceição de Azinhaga, concelho de Golegã distrito de Santarém, em cuja freguesia foi batizado a 05-ABR-1599 (8), irmão inteiro de Manoel Jordão da Silva, sargento-mor, e de José Nunes da Silva, que também vieram para o Brasil, e o José casou-se com Mecia de Arão Gurgel, adiante no II. Os três irmãos fizeram provança de nobreza de sangue (12), alegando que eram filhos de Antonio Nunes da Silva, mestre de ler e escrever, e de sua mulher Maria Jordão, os quais viviam à lei da nobreza. Eram irmãos ainda do padre Estevão Nunes, sacerdote de missa. João Batista faleceu a 18-NOV-1689 no Rio de Janeiro e Angela de Arão a 06-NOV-1695 em São Gonçalo, próximo ao Rio de Janeiro. Foram pais de:
- N1) JOSÉ DE AMARAL, batizado a 21-ABR-1640 no Rio de Janeiro, e habilitado "de genere et moribus" em 1650 (12) no Arquivo da Cúria do Rio de Janeiro.
- N2) MARIA DO AMARAL, batizada a 24-JUN-1641 no Rio de Janeiro, onde se casou a 25-ABR-1655 com o tenente JOÃO DIAS DA COSTA, batizado a 15-OUT-1628 no Rio de Janeiro.
- N3) JOÃO BATISTA DO AMARAL, batizado a 14-MAI-1643 no Rio de Janeiro. Ainda vivia em 1692.
- N4) MANOEL, batizado a 03-ABR-1646 no Rio.
- N5) ISABEL DO AMARAL, batizada a 09-ABR-1650 no Rio, onde se casou a 17-DEZ-1665 (na igreja de São José) com o português JOÃO DE CAMPOS DE MATTOS, natural de Alvorninha (seria a atual freguesia de NS. da

Visitação de Alborninha, concelho de Caldas da Rainha?), freguesia de Santa Maria dos Coutos de Alcobaça, em Leiria, filho de Manoel de Mattos Rodrigues e de Maria Rodrigues. Foram pais, dentre outros, de:

**Bn1)** CLAUDIO GURGEL DO AMARAL, batizado a 26-MAR-1680 no Rio de Janeiro, bacharel de Coimbra em 1705, habilitado "de genere".

**N6)** ANGELA DO AMARAL DA SILVA, batizada a 05-OUT-1651 em São Gonçalo, onde se casou às três horas da tarde, na capela da Santíssima Trindade, com o português FRANCISCO CORRÊA LEITÃO, provavelmente parente de seu concunhado João de Campos de Mattos, natural da mesma vila de Alborninha, filho de Brás Corrêa e de Maria de Mattos, que se casaram a 08-JAN-1651 na igreja de Santa Maria de Alborninha (eram parentes no terceiro e quarto grau de consangüinidade- mas o casamento não cita filiação). Foram pais, dentre outros, de:

**Bn2)** Dr. JOSÉ CORRÊA DO AMARAL GURGEL, batizado a 17-SET-1675 na freguesia de São Gonçalo. Habilitou-se "de genere" em 1699 (processo não catalogado no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro), alegando que seu primo Cláudio Gurgel do Amaral (Bn1 acima) já era habilitado. Foi para Portugal, onde vivia em 1713, solteiro e era juiz dos órfãos do termo da cidade de Lisboa, sendo morador na freguesia de NS. do Socorro. Recebeu carta de familiar (8) a 20-MAR-1713, do Santo Ofício. Foi ainda juiz de fora de Valença do Minho, e depois voltou ao Brasil como ouvidor geral da comarca de Sergipe d'El-Rei, onde se casou com D. MICAELA CAETANA DE ALMEIDA, filha do sargento-mor Miguel Monteiro de Sá e de sua mulher D. Maria, irmã de Manoel Lobo de Souza, pessoa principal da dita comarca. Foram pais, dentre outros, de FRANCISCO DO AMARAL GURGEL, morador no seu engenho de Santo Antonio do Rio Fundo, termo da vila de Santo Amaro da Purificação, estado da Bahia, que tirou carta de brasão de armas a 09-JUN-1769 dos Amaraes e dos Gurgéis (não se deve considerar este brasão concedido aos Gurgéis), registrado no Cartório da Nobreza, livro 1, fls. 99-v a 100-v- vide Armorial Brasileiro. Neste brasão aparece o irmão do dr. José Corrêa, de nome Cláudio, adiante em Bn3.

- Bn3) CLAUDIO GURGEL DO AMARAL, fidalgo da Casa Real e Procurador da cidade de Lisboa.
- Bn4) SEBASTIAO GURGEL DO AMARAL, nasceu por volta de 1698 em São Gonçalo, falecido a 28-JUL-1746 no Rio de Janeiro, onde se casou a 10-JAN-1728 com sua prima D. ISABEL VIANA DO AMARAL, batizada a 24-JUN-1703 no Rio de Janeiro, onde nasceu a 07 do mesmo mês, filha do coronel Salvador Viana da Rocha e de D. Antonia Corrêa do Amaral, esta filha do coronel Félix Corrêa de Castro Pinto Bragança e de Maria do Amaral, esta filha do licenciado João de Azevedo Roxas e de Antonia do Amaral. Foram pais, dentre outros, de JOSÉ VIANA DO AMARAL ROCHA, que recebeu carta de brasão de armas a 19-OUT-1764, alegando ser terceiro e quarto neto, respectivamente pelos lados paterno e materno, de Tucen Gurgel, natural do reino da França e de sua mulher Domingas de Arão do Amaral, o que se comprovou acima.
- N7) Dr. CLAUDIO GURGEL DO AMARAL nasceu por volta de 1654 no Rio, onde faleceu a 17-ABR-1716, assassinado, vítima de um tiro. Casou-se a 15-MAR-1684 no Rio com D. ANA BARBOSA DA SILVA, com geração, a qual faleceu a 02-ABR-1695 no Rio. O dr. Cláudio tornou-se padre depois de viúvo, e foi o doador das terras para a Irmandade de NS. da Glória do Outeiro em escritura passada a 20-JUN-1699 na cidade do Rio de Janeiro.
- Como se vê na Revista do Instituto Heráldico-Genealógico, volume IX e último, de 1942 e 1943, de São Paulo, recebeu em 07-ABR-1705, de Lisboa, carta de brasão de armas da família Amaral, por ser "o suplicante descendente da nobre e ilustre família dos Amaraes, que neste Reino são fidalgos antigos de cota de armas, por ser filho legítimo do capitão João Batista Jordão, cidadão da dita cidade do Rio de Janeiro, e de Ângela de Arão de Amaral, legítima descendente dos verdadeiros Amaraes deste Reino, a qual era cristã velha, sem fama, ou rumor em contrário, nem de mulata, judia, mourisca, ou de outra qualquer infecta nação" .
- F5) MECIA (ou MESSIA) DE ARÃO (GURGEL), que segue no II.
- F6) DOMINGAS, batizada (13) a 01-SET-1619 no Rio de Janeiro.
- F7) ANTONIA DO AMARAL, batizada (14) a 07-MAR-1622 no Rio de Janeiro, onde se casou por volta de 1646 com o português, o licenciado JOÃO DE AZEVEDO ROXAS, nascido em São Salvador de Monte Alegre (ignora-se onde fica) e falecido

a 18-MAR-1675 no Rio de Janeiro, filho de Afonso João e de Antonia de Azevedo. Foram pais, dentre outros, de:

**N8)** Padre FRANCISCO DO AMARAL ROXAS, batizado a 28-AGO-1647 no Rio, onde faleceu a 19-MAR-1679.

**N9)** MARIA DO AMARAL, batizada a 17-MAR-1649 no Rio de Janeiro, onde se casou por volta de 1673 com o tenente-coronel FÉLIX CORRÊA (DE CASTRO PINTO BRAGANÇA). Esta senhora foi confundida por Pedro Taques com Domingas do Amaral (atrás em F6), irmã de Bento do Amaral da Silva (adiante, em III), quando na verdade era prima irmã. O que talvez tenha levado os filhos de Bento a assim informarem Pedro Taques poderia ter sido o contacto maior do licenciado João de Azevedo Roxas com seu afilhado Bento. Foram pais, dentre outros, de:

**Bn5)** Frei LUÍS DE SANTA ROSA, provincial dos franciscanos, segundo Pedro Taques.

**Bn6)** D. ANTONIA CORRÊA DO AMARAL, batizada a 25-ABR-1677 no Rio, onde faleceu a 18-AGO-1752, e onde se casou a 05-AGO-1702 com o tenente-coronel SALVADOR VIANA DA ROCHA, citado por Pedro Taques.

**Bn7)** D. HELENA DE JESUS, batizada a 23-JUL-1678 no Rio, onde se casou com o sargento-mor FELIPE SOARES LOUZADA, mencionado por Pedro Taques, e falecido a 08-JUN-1746 no Rio.

**Bn8)** D. MARIA ANTONIA DO AMARAL, batizada a 19-MAR-1682 no Rio, onde se casou a 22-JAN-1707 com o português, capitão ANDRÉ DE SOUZA CUNHA, os quais foram pais do capitão FÉLIX DE SOUZA CASTRO (batizado a 18-SET-1710 no Rio), senhor de engenho em Meriti, onde possuía cento e noventa escravos, conforme nos ensina Pedro Taques, e cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

**II - MECIA (ou MESSIA) DE ARÃO (GURGEL)**, nasceu por volta de 1618, talvez no Rio de Janeiro, onde faleceu a 25-MAI-1687 (15) e onde se casou por volta de 1638 com o português JOSÉ NUNES DA SILVA, nascido por volta de 1610 na freguesia de NS. da Conceição de Azinhaga, concelho de Golegã, distrito de Santarém, irmão inteiro de João Batista Jordão (mencionado atrás em F4 de I), do sargento-mor Mancel Jordão Silva e do padre Estevão Nunes, sacerdote de missa, todos filhos de Antonio Nunes da Silva, mestre de ler e escrever e de sua mulher Maria Jordão. Foram pais de (não vão na ordem):

- F1) DOMINGAS DO AMARAL DA SILVA, batizada a 25-NOV-1640 no Rio, na Candelária, onde se casou com o coronel MANOEL MARTINS QUARESMA, com geração.
- F2) Frei ANTONIO DE SANTA CLARA, batizado a 07-SET-1642 no Rio de Janeiro, na Candelária.
- F3) Sargento-mor BENTO DO AMARAL DA SILVA, que segue no III .
- F4) JOSÉ, batizado a 10-SET-1650 no Rio de Janeiro, em Irajá.
- F5) ANTONIA DO AMARAL DE JESUS, batizada a 01-JUL-1653 no Rio, na Sé, e falecida em 05-ABR-1710 no Rio, na Candelária, e casada a 08-FEV-1698 no Rio, em Irajá, com SIMÃO CORRÊA CABRAL, filho de capitão Manoel Corrêa Cabral e de sua mulher Tomázia de Lima, moradores no Rio, com geração.
- F6) ISIDORA DO AMARAL - segundo Pedro Taques foi freira professa do convento de Santa Clara em Lisboa.
- F7) MARTA DO AMARAL, religiosa do mesmo convento.
- F8) MARIA JOSEFA DO AMARAL, batizada a 25-ABR-1658 no Rio, em Irajá, religiosa do mesmo convento.
- F9) MARIANA, batizada a 26-OUT-1665 no Rio, em Irajá.
- F10) Capitão-mor FRANCISCO DO AMARAL GURGEL. Este não consta em Primeiras Famílias do Rio de Janeiro, mas é referido por Taques e no inventário de Mateus de Siqueira (publicado pela Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, na série de Inventários e Testamentos, XIX, 507 e 508), quando a 08-MAI-1691 em São Paulo, o já sargento-mor Bento do Amaral da Silva tomou dinheiro a ganhos e apresentou como seu fiador seu irmão o alferes Francisco do Amaral Gurgel, o qual já estava por São Paulo em 30-SET-1690, quando tomou dinheiro a ganhos no inventário de Mariana Maciel (Inventários e Testamentos, XIX, 217).

Sua participação em crimes com seu irmão, o sargento-mor Bento do Amaral da Silva (adiante, em III) não é preocupação para estas linhas, e sim para um estudo maior, no futuro.

Segundo Carvalho Franco (16), tornou-se opulento em ouro em Minas Gerais, estabelecendo-se depois em Ouro Preto, onde chegou a ser capitão-mor.

Segundo ainda Carvalho Franco, em seu trabalho para a Revista de Arquivo Municipal nº LXV, e baseado em Pedro Taques, vê-se que Francisco do Amaral Gurgel foi nomeado capitão-mor da capitania de São Vicente, tendo sido aliás o último capitão-mor ao tempo das donatarias. Foi nomeado por patente a 05-FEV-1709 pelo governador do Rio de Janeiro, e tomou posse em 01-MAR-1709. Quem lhe sucedeu, agora como capitão-mor governador foi Antonio Coelho de Carvalho, que tomou posse a 01-JUN-1710. Nesse mesmo ano Francisco do Amaral foi nomeado para o cargo de capitão-

mor da vila de Parati, onde já se encontrava a 14-DEZ-1710. Em Parati foi ainda coronel de um regimento, com o qual acudiu a cidade do Rio de Janeiro por ocasião da invasão francesa de Duguay-Trouin à frente de 550 homens armados à sua custa. Disputou em leilão com o capitão-mor José de Góes e Moraes a compra da antiga capitania de São Vicente antes dela passar para a Coroa Real. Góes e Moraes aumentou a oferta de 40 mil para 44 mil cruzados. Imensa fortuna para a época ! Eram dos homens mais abastados de São Paulo.

Ao que parece o capitão-mor Francisco do Amaral não se casou, mas a filha D. Marcelina, que segue adiante em N1, teve tratamento nobre e realizou casamentos de qualidade, deixando distinta descendência em Parati.

Filhos que se conseguiu descobrir do capitão-mor Francisco do Amaral Gurgel:

**N1)** D. MARCELINA DO AMARAL GURGEL, batizada a 20-SET-1693 em São Paulo, na Sé (fls. 260 do livro 2-2-4), sendo seus padrinhos Miguel de Almeida e Maria Camello. Neste registro vem como filha natural e não há citação do nome da mãe. Segundo o amigo e genealogista Helvécio de Vasconcelos Castro Coelho, conforme leu numa fotocópia do "Livro do Tombo que mandou fazer o reverendíssimo padre mestre frei Manuel Ferreira da Natividade, vigário provincial desta vigararia, comissário reformador e visitador geral em todo este Estado do Brasil, etc..", datado de 1697 e referente ao convento de Angra dos Reis, a 4-MAR-1711 (fls. 36 do referido livro) estava casada com MANOEL PINTO GUEDES. Casou-se depois, talvez em Parati, com o coronel LOURENÇO CARVALHO DA CUNHA, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, que faleceu dentre 1721 e 1729, ano em que D. Marcelina já estava casada novamente com o coronel JORGE PEDROSO DE SOUZA. Em 1729 este último promoveu um auto cívil (17) contra o coronel Francisco do Amaral Coutinho, parente de sua mulher, como administrador dos bens de D. Marcelina do Amaral, e como tutor dos dois menores, seus enteados que ficaram de seu antecessor (vão nomeados adiante). Segue a queixa: "Que sendo vivo o coronel Lourenço Carvalho da Cunha fez venda ao réu de cinqüenta negros armados, e vestidos com seus fardas novas, e meias cargas de ferragens, e outros gêneros mais, tudo por preço de treze mil oitavas de ouro com condição que pondo-se casa de quintos nas minas se faria o pagamento a dinheiro de

contado na quantia de quarenta e oito mil cruzados, e trezentos mil réis". O primeiro pagamento vencera em maio de 1721 e o segundo em maio de 1722, e até aquele momento o réu não tinha dado coisa alguma. Fora feita uma escritura de dívida a 06-JUN-1720 na então vila de São João de El-Rei.

Defendeu-se assim o coronel Amaral Coutinho:

Que o antecessor do autor, coronel Lourenço, não mandou os negros todos que vendeu a ele, e além disso muitos dos negros enviados eram magros e incapazes, e por isso logo faleceram. Ao tempo da compra de que tratam estes autos o coronel Lourenço era morador na vila de Parati e ele na vila de São João de El-Rei, comarca do Rio das Mortes. E que, de Parati, de onde haveria de vir os negros vendidos a ele réu na dita vila de São João de El-Rei seriam vinte dias de viagem de gente carregada.

Em 08-JUL-1737 na cidade de São Paulo, já viúva do coronel Francisco do Amaral Coutinho, D. Catarina Leonor de Aguiar por si e pelas suas únicas filhas, órfãs, Ana e Beatriz, ambas de menor idade, passou a responder ao processo. Dentre os bens do casal nas minas de Goiás constava mais de 80 escravos mineiros e peritos em minerar ouro, além de terras fertilíssimas em ouro.

Do casamento de D. Marcelina com o coronel Lourenço nasceram:

**Bn1)** Capitão-mor FRANCISCO CARVALHO DA CUNHA E AMARAL, nascido por volta de 1712 no Rio de Janeiro. Foi cavaleiro da Ordem de Cristo e capitão-mor da vila de Parati. Recebeu carta de brasão de armas passada a 09-AGO-1760 (18).

**Bn2)** Capitão-mor SALVADOR CARVALHO DA CUNHA E AMARAL, que foi sargento-mor e depois capitão-mor de Parati.

**N2)** JOSÉ, batizado a 20-MAI-1702 em São Paulo, na Sé (fls. 346-v do livro 2-2-4), filho natural do então sargento-mor Francisco do Amaral e de ANTONIA GOMES.

**III-** Sargento-mor BENTO DO AMARAL DA SILVA, nascido na cidade do Rio de Janeiro, onde foi batizado a 03-ABR-1647 (19) pelo seu tio o padre Francisco do Amaral. É acusado de crimes cometidos no Rio de Janeiro- sobre este assunto estamos iniciando pesquisas para posterior publicação, e por isso não nos estenderemos neste artigo. Conquanto já estivesse em São Paulo em 1690, parece-me que casou-se apenas por 1693 em São Paulo ou em Santana de Parnaíba (os livros de

casamentos de ambos os lugares estão perdidos nesse período) com D. ESCOLASTICA DE GODDY, que depois de casada era denominada ESCOLASTICA DE GODDY E SILVA, sendo talvez a primeira mulher de São Paulo a acrescentar ao seu nome o apelido do marido, costume esse apenas iniciado e tornado prático em meados do século XIX. D. Escolástica de Godoy nasceu cerca de 1679 em São Paulo - os assentamentos de batizados estão perdidos nesse período (em Genealogia Paulistana, VI, 121) e era filha do capitão Antonio de Godoy Moreira, nascido cerca de 1639 em São Paulo, falecido a 15-JUL-1721 em Parnaíba, e de sua mulher (casados a 31-JAN-1667 em Parnaíba) D. Ana de Lima e Moraes. O capitão Antonio foi nobre cidadão de São Paulo, onde foi juiz ordinário, irmão da Irmandade de São Miguel e Almas desde 1704 e segundo administrador da capela de NS. da Conceição de Vuturuna, sendo descendente do donatário Martim Afonso de Souza.

Escudado por seu sogro, Bento do Amaral minerou em Caeté, de onde voltou opulento, como nos ensina o mestre Pedro Taques: "Teve grande tratamento igual ao fundo de seu cabedal. A sua casa foi servida com numerosa escravatura, criados mulatos, todos calçados, bons cavalos de estrebalaria, ricos jaezes, excelentes móveis de prata e ouro, sendo bastantemente avultadas as baixelas de prata, cuja copa foi de muitas arrobas. Tinha passado às Minas Gerais no princípio da grandeza e fertilidade do seu descobrimento, e se recolheu a São Paulo com grosso cabedal, que o soube empregar em fazendas de cultura para seu tratamento que teve de pessoa tão distinta. A sua fazenda foi no sítio de Emboaçava, margens entre os rios Tietê e o dos Pinheiros. Todo o grande cabedal desta casa veio a consumir-se com o tempo depois da morte de Bento do Amaral, não só pelo meio da divisão entre os muitos herdeiros que deixou, mas também pelo segundo casamento da viúva D. Escolástica".

Apesar de seus problemas com a justiça foi nomeado em 17-NOV-1708 ouvidor interino da capitania de São Paulo, e depois a 25-NOV-1715 ouvidor geral da mesma capitania (20). Ingressou na Ordem Terceira de São Francisco, nela professando com sua mulher no dia de Santa Rosa de Viterbo, a 04 de outubro de 1714 (21).

Sobre Bento do Amaral e as mobílias de sua casa, vide um artigo de seu descendente, o primo Celso Maria de Mello Pupo (22), descrevendo umas cadeiras muito antigas com o brasão dos Amaraes Gurgéis, uma das quais vimos em casa do Celso Maria, que acredita ser originária da mobília de Bento, a qual passou para seu filho José do Amaral Gurgel, e deste ao filho Vicente Ferrer do Amaral.

O sargento-mor Bento recebeu com seu futuro genro Inácio Dias da Silva (adiante em F7) uma sesmaria, que, ao que parece, nunca tomou posse. A carta de sesmaria (23) foi concedida por D. Pedro de Almeida e Portugal, conde de Assumar em 09-NOV-1718, sendo secretário do governo Domingos da Silva. Essas terras, de uma légua

em quadra, cerca de 1800 alqueires paulistas, ficavam em solo paranaense, no caminho da vila de Curitiba, nos campos vulgarmente denominados de São João, partindo da beira do rio Tibagi por uma parte, e da outra da beira do rio Iapó, vizinhas das do capitão-mor José de Góes e Moraes. Estes campos compunham um verdadeiro latifúndio dos Taques, aparentados de sua mulher, cujos Taques ainda hoje existem no Paraná.

Bento do Amaral faleceu (2) a 21-JUN-1719 em São Paulo, no seu sítio de Emboaçava, estando enterrado na capela-mor da igreja de São Francisco. A data do seu óbito é comunicada por Pedro Taques, e não consta nos livros de óbitos da Sé de São Paulo (cujo princípio se dá em 1731) e nem tampouco em seu inventário. Por sua morte se fez inventário (24) de seus bens, da qual foi declarante a viúva. Infelizmente as duas primeiras folhas do inventário estão perdidas, e nelas estariam o auto de inventário com as declarações de praxe da viúva inventariante sobre o defunto, inclusive a data de seu óbito, e a relação dos herdeiros. A fazenda toda importou em uma fortuna para a época: 18:251\$645 (dezoito contos, duzentos e cinquenta e um mil, seiscentos e quarenta e cinco réis), cerca de 45 mil cruzados, ficando para cada herdeiro a quantia de 504\$813. Dentre outros bens nomeados, possuía várias peças de ouro, como vinte e oito botões de ouro que estavam na casaca de veludo, broche de ouro de chapéu, espadim com cabo de ouro, várias peças de prata, como colheres, três chapéus de sol já velhos, quatro tapetes de Arraiolos, uma cabeleira (que passou para o filho José) e uma peruca, um hábito de irmão terceiro de São Francisco, três bacamartes, seis espingardas, uma arma curta e duas espadas. De gado vacum possuía cinquenta e oito cabeças, nove bois capados, dois bezerrinhos, vinte e sete cabeças de ovelhas e carneiros, dois burros, todos no sítio de Emboaçava. No sítio de Tietê possuía mais cinquenta cabeças de gado vacum e quatro bois mansos. Ao todo trabalhavam para ele quarenta e quatro escravos negros e vinte peças da administração, sendo sete deles mulatos, e o restante índios.

A viúva D. Escolástica casou-se segunda vez cerca de 1721 em São Paulo (perdeu-se o livro de casamentos desse período) com o sargento-mor JOSÉ PINTO DE MESQUITA E CASTRO, nascido cerca de 1700 (25), a quem Pedro Taques chama de JOSÉ PINTO COELHO DE MESQUITA e diz ser da ilustre casa portuguesa "Bom Jardim". Ele recebeu patente (26) de sargento-mor das Minas de Paranapanema a 02-MAI-1726 do governador Rodrigo César de Menezes, sendo secretário do governo Gervásio Leite Rebelo, em cuja patente se vê que havia servido o posto de capitão nas Minas Gerais e ocupado o cargo de superintendente das minas de Itagibás (atual Delfim Moreira, MG), em que o nomeou D. Pedro de Almeida e Portugal, governador e capitão-general que foi desta capitania e de Minas Gerais.

Este segundo casamento de D. Escolástica deve ter provocado desconfiança com as intenções do noivo e ciúmes entre seus filhos e genros de então, já que o fidalgo português não deveria ser homem de posses e era muito mais moço que a noiva, com idade inferior inclusive aos filhos mais velhos da rica viúva. Este casamento desigual agravou-se com a provável má administração de José Pinto, o que acabou por dissipar os bens de Bento do Amaral. Em vários processos de autos cíveis verificados na cidade de São Paulo percebe-se claramente que José Pinto deveria ter grande habilidade em gastar, o que granjeava desavenças com seus enteados, levando tudo a termo de sua mulher pedir nulidade de matrimônio (27) em 1735, alegando maus tratos e gastos de cabedal. De um dos processos acima mencionados se extrai curiosa passagem dos costumes da época - nos autos cíveis promovidos (28) pelo sargento-mor José Pinto de Mesquita e Castro e sua mulher contra seu genro Paulo Carlos da França, eles não queriam pagar o dote oferecido ao réu alegando que ele lhes era ingrato, e que ainda chegara ao cúmulo de incitar sua mulher D. Escolástica do Amaral e Silva "para que perdesse o respeito". Ouvido como testemunha outro genro dos autores, Manoel Bezerra, este disse que tinha visto o réu Paulo da França passar pelo dito sargento-mor José Pinto e não tirar o chapéu !

Deste segundo casamento nasceu filho único, INACIO JOSÉ PINTO DE MESQUITA, nascido cerca de 1723 em São Paulo, onde estudara gramática no Colégio dos Jesuítas e faleceu solteiro a 22-ABR-1747 (livro nº 1 de óbitos da Sé de São Paulo, fls. 78-v), sem testamento.

D. Escolástica de Godoy e Silva (continuou a se chamar Silva) faleceu a 06-NOV-1737 (seu óbito não se acha registrado nos livros da Sé por haver falhas no período- no caso a data é fornecida em seu inventário) em São Paulo, onde fizera testamento, e por sua morte foi inventariada (29) a 25-NOV-1737 na cidade de São Paulo, sendo declarante o marido (o casamento não chegou a ser anulado), sargento-mor José Pinto; possuíam de seu dezessete escravos negros e muitas dívidas. O declínio da fazenda de Bento do Amaral aparece na descrição feita ao se relacionar dentre os bens de raiz da defunta: "Um sítio no bairro de Emboaçava com casas de parede de mão que estão caindo de velhas cobertas de telhas e duas casinhas de fora que também estão caindo cobertas de telhas, cercado de valos". O sargento-mor José Pinto de Mesquita e Castro veio a falecer abintestado a 09-NOV-1747 na cidade de São Paulo (fls. 86 do 19 livro de óbitos da Sé de São Paulo).

Do sargento-mor Bento do Amaral da Silva com D. Escolástica de Godoy nasceram (vão primeiramente nomeados os homens):

F1) JOSÉ DO AMARAL GURGEL, que segue no IV.

- F2) ANTONIO NUNES DO AMARAL, depois ANTONIO SERAFINO DO AMARAL. Segundo sua justificacão (24) para se emancipar, foi batizado a 10-...-1695 em Santana de Parnaiba, sendo seus padrinhos o então sargento-mor Francisco do Amaral Gurgel e Maria Leme. A data de 1695  estranha, pois seus irmãos José (acima) e Francisco (abaixo) teriam sido igualmente batizados em 1695, e não há meno alguma de serem trigêmeos. Em 1737 Antonio era casado e vivia na vila de Jundiá. Diz Silva Leme que faleceu sem deixar filhos.
- F3) FRANCISCO DO AMARAL GURGEL, que em seu processo de emancipao (24) se v que foi batizado a 10-FEV-1695 em Santana de Parnaiba, sendo seus padrinhos João de Godoy Almeida e Maria de Lima. Faleceu solteiro a 27-ABR-1760 em São Paulo (fls. 17-v do livro 1-2-21 de óbitos da S), e sepultado na igreja de São Francisco, na sepultura de seu pai.
- F4) Capitão GUILHERME DO AMARAL DA SILVA, que se casou a 17-AGO-1732 em São Paulo (fls. 29-v do livro 1-3-16 da S) com D. ESCOLASTICA DA SILVA MISSEL (viúva de ALVARO NETO BICUDO, com quem se casou cerca de 1724), a qual faleceu em 1747 (e não 1737 como diz Silva Leme) em Parnaiba (30), deixando gerao dos dois maridos. O capitão Guilherme possuía o sítio de Emboacava com criao de gado.
- F5) BENTO DO AMARAL GURGEL, batizado a 14-JUN-1699 em Parnaiba (31). Em 1758 era tutor de seus sobrinhos, filhos de sua irmã D. Isidora. Ainda vivia em 1764. Segundo Silva Leme faleceu solteiro.
- F6) JOÃO DO AMARAL, que faleceu solteiro em 1727 em Parnaiba.
- F7) D. ANA MARIA GURGEL DO AMARAL, que se casou a 30-JAN-1719 em São Paulo com o então tenente INACIO DIAS DA SILVA, o qual havia recebido patente a 10-SET-1714 de tenente-coronel do regimento de cavalaria que seria criado em São Paulo. Segundo Pedro Taques era grande cavaleiro, e faleceu logo depois, em 1722, no posto de capitão. Foram pais, dentre outros, de:
- N1) BENTO DO AMARAL DA SILVA, que nasceu em São Paulo, onde foi batizado a 21-NOV-1719, e onde se casou em 1742 (32) com D. CATARINA EUFRASIA ALVARES FIDALGO. Bento foi nobre cidadão de São Paulo e faleceu no ardor de seus 33 anos, vítima de um criminoso, a 29-MAR-1753 em São Paulo (fls. 144-v do livro de óbitos da S de São Paulo), sem sacramentos, por ser de morte "apressada por causa de um tiro". Foram pais de (não vão na ordem):

- Bn1)** Padre frei INACIO DIAS DO AMARAL GURGEL, que foi vigário da vila de NS. dos Prazeres dos Campos das Lages, atual Lages, Segundo Licurgo Costa (33), foi vigário de Lages de 1779 a 13-JAN-1783, quando a deixou. Mesmo convalescendo de uma doença foi obrigado a sair de Lages pela violência de seu capitão-mor Antonio Corrêa Pinto, e dirigindo-se ao sul faleceu nessa jornada.
- Bn2)** JOSÉ LEITE DO AMARAL GURGEL, faleceu solteiro.
- Bn3)** D. BEATRIZ LEONIZA DO AMARAL GURGEL, batizada (34) a 11-JAN-1748 em São Paulo, onde se casou em 1764 com o dr. JOAQUIM DA COSTA MARIANO. Talvez sejam os pais do padre JOAQUIM MARIANO DA COSTA AMARAL GURGEL, do qual se trata no princípio deste artigo.
- Bn4)** D. ANA MARIA GURGEL DO AMARAL, casada com ANTONIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, moradores em Lages.
- Bn5)** D. MATILDE POLICENA DO AMARAL, batizada a 21-JUN-1752 em São Paulo.
- Bn6)** D. MARIA JOAQUINA DO AMARAL, póstuma, batizada a 11-DEZ-1753 em São Paulo, na capela da Senhora da Luz.
- F8)** D. MECIA DE ARÃO GURGEL, que faleceu em 1755 em Parnaíba com 55 anos de idade. Casou-se em 1722 em São Paulo com o licenciado MANOEL BEZERRA CAVALCANTI, nascido cerca de 1699 em Olinda (Pernambuco), de onde veio para São Paulo fugido de seus pais, vestido com a roupa própria de estudante, como vem descrito em seus banhos (35) - era filho de Miguel Bezerra de Vasconcellos e de D. Brígida de Figueiredo. Manoel foi escrivão do cartório dos órfãos da vila de Parnaíba (atual Santana de Parnaíba) em 1729 (em Atas da Câmara de Parnaíba, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo) e faleceu em 1784 em Itu. Seu filho JOSÉ BEZERRA GURGEL recebeu provisão a 17-AGO-1749 de tabelião e mais anexos da vila de Taubaté (livro nº 8 de Sesmarias, Patentes e Provisões - Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo). Segundo Licurgo Costa (36), o capitão JOSÉ BEZERRA CAVALCANTI DO AMARAL GURGEL faleceu a 13-OUT-1767 em Lages, sendo o seu óbito o primeiro a ser lançado nos seus livros competentes.
- F9)** D. ESCOLASTICA DO AMARAL E SILVA, que segundo Pedro Taques faleceu nas minas do Maranhão, em Goiás, para onde havia passado com seu marido. Ela foi batizada a 19-ABR-1705 (fls. 371) na Sé de São Paulo, onde se casou a 24-JUN-1723 (24) com o português PAULO CARLOS DE FRANÇA, também

conhecido como PAULO CORRÊA DA FRANÇA e ainda como PAULO DA FRANÇA SOTTOMAYOR, nascido na cidade de Ceuta (Norte da Africa) e filho de José Cabral de França e de sua mulher D. Bernarda de Vera Bacellar, e talvez parente do Servo de Deus frei Antonio de Santana Galvão, cujo bisavô era natural da cidade de Tânger, vizinha de Ceuta. Em 1737 (29) já era falecida D. Escolástica com os seguintes filhos (não mencionados por Silva Leme):

N2) JOSÉ, nascido cerca de 1725.

N3) INACIO, nascido cerca de 1733.

F10) D. ISIDORA DO AMARAL, nascida cerca de 1707, talvez em São Paulo, onde se casou cerca de 1725 com JOSÉ GONÇALVES RIBEIRO, depois JOSÉ DOS REIS RIBEIRO. D. Isidora faleceu a ...-NOV-1749 em São Paulo, sem testamento, sendo inventariada em São Paulo, com o auto sendo feito a 05-MAR-1750 (29). Foram pais de:

N4) MARIA LEME DO AMARAL, nascida cerca de 1726, e já em 1750 era casada com LOURENÇO LEME DE SIQUEIRA, com geração. Ela ainda vivia em 1786 em São Paulo, já viúva. Fora pais, dentre outros, de D. MARIA DE SÃO BOAVENTURA DO AMARAL E SILVA, ou MARIA POLICENA, natural de São Paulo, que se casou pela primeira vez com JOSÉ FRANCISCO DE MORAES NAVARRO (adiante citados em BN 11), segunda vez a 16-SET-1783 em Lages (fls. 22-v) com o alferes JOSÉ RAPOSO PIRES, também natural de São Paulo, viúvo de Francisca Cardoso Bueno, e filho de Estevão Furquim de Camargo Bueno e de Branca Raposo Pires, e terceira vez com o licenciado JOÃO DAMASCENO DE CÔRDOVA, que segundo Licurgo Costa (38), nasceu cerca de 1743 em Santos, deixou a carreira eclesiástica antes de ser ordenado, foi sargento-mor das ordenanças da vila de Lages, tendo sido ainda músico e compositor. Deste terceiro casamento nasceram cinco filhos.

N5) FÉLIX DO AMARAL GURGEL, nasceu cerca de 1730. Morador em Campinas. Casou-se primeira vez com MARIA ALVES CARDOSO, com geração. Casou-se segunda vez em 1778 com ESCOLÁSTICA DE GODOY.

N6) BENTO RIBEIRO DO AMARAL, depois BENTO DO AMARAL GURGEL ANNES, nascido cerca de 1727 em São Paulo. Não se entende porque acrescentou ao seu nome o apelido **Annes**, que não se encontra entre seus avós. Segundo o dr. Helvécio de Vasconcellos Castro Coelho, amigo e genealogista do Vale do Paraíba, Bento casou-se primeira vez em 1760 em Taubaté com D. CATARINA SOARES DE JESUS FRAGOSO, batizada a 02-AGO-1743 em

Taubaté (livro nº 7, fls. 66-v), meia-irmã do tenente Bento Soares da Motta, dos primeiros moradores de Lages, sendo filha de Alvaro Soares Fragoso e de sua mulher Catarina Garcia de Unhatte. Bento do Amaral passou para Lages, recebendo carta patente do governador D. Luís Antonio de Souza Botelho Mourão, morgado de Mateus, a 05-AGO-1768 em São Paulo, de capitão de auxiliares de cavalo do sertão das Lages (39). Com a morte de Antonio Corrêa Pinto, e ouvida a Câmara de Lages, que atestou os serviços que havia feito a Sua Magestade, recebeu a 07-JAN-1786 patente (40) de capitão-Mor regente da vila das Lages e sertão de Curitiba. Segundo Licurgo Costa (41), tomou posse do cargo de capitão-mor a 29-MAIO-1787. Em Lages foi proprietário da fazenda do Bonsucesso, com criação de gado. Casou-se segunda vez a 04-ABR-1796 em Lages (42), com D. GENOVEVA RAQUEL DE FONTOURA, nascida cerca de 1778 em Vacaria (RS), filha do capitão Miguel Pedroso Leite, natural de São Paulo e falecido a 27-MAIO-1811 em Porto Alegre com 85 anos de idade e de sua mulher Inocência Maria Pereira Pinto, batizada a 06-JAN-1750 no Rio Grande e falecida a 08-NOV-1804 no Rio Pardo (43). Bento do Amaral veio a falecer a 08-JUN-1812 (44) e D. Genoveva a 22-ABR-1815 (45), ambos em Lages.

De sua primeira mulher, Catarina Soares de Jesus Fragoso, descobri os seguintes filhos:

**Bn7)** D. MARIA JOAQUINA DO AMARAL GURGEL, nascida cerca de 1770, talvez em Lages, onde se casou a 31-DEZ-1784 (fls. 37 e 37-v) com BALTAZAR JOAQUIM DE OLIVEIRA, nascido cerca de 1757 em Parnaíba, filho de Antonio Rodrigues de Oliveira, um dos fundadores de Lages e seu primeiro sargento-mor, e de sua mulher Isabel Antonia de Oliveira, esta cunhada de Antonio Corrêa Pinto (de Macedo), capitão-mor fundador de Lages.

**Bn8)** D. MARIA INACIA DO AMARAL GURGEL, nascida cerca de 1771, talvez em Lages, onde se casou no mesmo dia de sua irmã, a 31-DEZ-1784 (fls. 37-v) com seu concunhado ANTONIO RODRIGUES DE OLIVEIRA FAM (lê-se Fão), nascido cerca de 1759 em Parnaíba. Seria o que aparece no Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, vol. 46, na página 21 ?

- Bn9)** D. MARIA, batizada a 09-FEV-1774 em Lages.
- Bn10)** D. MARIA, batizada a 06-AGO-1775 em Lages.
- Bn11)** Sargento-mor JOÃO ANNES DO AMARAL GURGEL nasceu em Lages, onde foi batizado a 19-DEZ-1776 (fls. 32-v). Foram seus padrinhos José Francisco de Moraes Navarros e sua mulher Maria Policena do Amaral e Silva. Recebeu patente de ajudante das ordenanças de Lages a 21-JUL-1789, de capitão das ordenanças a 09-AGO-1799, e depois de sargento-mor por patente de 11-AGO-1806 (43), de cuja vila de Lages seu pai ainda era capitão-mor. Foi casado com D. BARBARA DA FONTOURA, irmã inteira da segunda mulher de seu pai, filha do capitão Miguel Pedroso Leite e de Inocência Maria Pereira Pinto, cuja D. Bárbara em 1805 estava ausente para Viamão, conforme os censos de Lages, existentes na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo.
- Bn12)** D. ANA, batizada a 04-JUN-1778 em Lages.

De sua segunda mulher, D. Genoveva Raquel da Fontoura, teve o capitão-mor Bento do Amaral:

- Bn13)** BENTO, nascido cerca de 1792.
- Bn14)** JOSÉ, nascido cerca de 1793.
- Bn15)** D. EMÍLIA, nascida cerca de 1795.
- Bn16)** D. MARIA GENEROSA DO AMARAL FONTOURA nasceu cerca de 1797 em Lages. Casou-se com UBALDINO BENEVENUTO DE TOLEDO RIBAS, primo irmão da marquesa de Santos, sem geração segundo Silva Leme (vide Genealogia Paulistana, V, 505).
- Bn17)** FRANCISCO DAS CHAGAS DO AMARAL FONTOURA nasceu em Lages, onde foi batizado a 04-OUT-1801 e faleceu a 31-JAN-1878 em Piracicaba. Casou-se em Cruz Alta (RS) com D. GERTRUDES PALMEIRO DE ANDRADE PILAR, falecida a 16-ABR-1886 em São Paulo (SP), filha de Joaquim José Palmeiro e de Inácia Joaquina de Andrade, com geração. Francisco das Chagas e sua mulher foram pais, dentre outros, de UBALDINO DO AMARAL FONTOURA, prefeito da cidade do Rio de Janeiro, este último bisavô do genealogista JOSÉ UBALDINO MOTTA DO AMARAL, natural e morador na cidade do Rio de Janeiro, a quem devo a gentileza de me fornecer a descendência do segundo casamento do capitão-mor Bento do Amaral Gurgel Annes.

- Bn18)** D. GENOVEVA RAQUEL DO AMARAL FONTOURA casou-se com VIDAL PINTO DE ALMEIDA PILAR.
- N7)** ANTONIO DO AMARAL, nascido cerca de 1735. Casou-se a 20-JAN-1767 (fls. 253 do livro 1-3-16) na Sé de São Paulo com ROSA BARBOSA DE LIMA, com filho único. Antonio faleceu em 1772 com inventário.
- N8)** ANA DO AMARAL, nascida cerca de 1738. Casou-se cerca de 1763 com PEDRO RODRIGUES DA CUNHA, talvez em São Paulo, onde faleceu em 1764.
- N9)** JOSÉ DO AMARAL GURGEL, nascido cerca de 1740 em São Paulo. Casou-se em 1772 em Parnaíba com MARIA DO NASCIMENTO JESUS, nascida cerca de 1740 em Taubaté. Foram moradores em Lages e pais, que consegui descobrir, de:
- Bn19)** MARIA, batizada a 02-NOV-1772 em Lages.
- Bn20)** ESCOLÁSTICA, nascida cerca de 1773 em Lages.
- Bn21)** ANTONIO, batizado a 13-JUN-1774 em Lages.
- Bn22)** JOAQUIM, batizado a 07-FEV-1776 em Lages.
- Bn23)** ANA, batizada a 20-JUL-1777 em Lages.
- Bn24)** MATILDE DO AMARAL, nascida cerca de 1780. Casou-se cerca de 1793 com MANOEL CAVALHEIRO LEITÃO, natural de Porto Alegre (RS) e escrivão de Lages.
- N10)** ESCOLÁSTICA, nascida cerca de 1743. Já era falecida em 1786, solteira.
- N11)** JOAQUIM, nascido cerca de 1744 e falecido criança.
- F11)** D. INACIA DO AMARAL GURGEL casou-se com o MESTRE DE CAMPO ALEIXO LEME DA SILVA, sem geração.

**IV-** JOSÉ DO AMARAL GURGEL, nascido em Parnaíba, onde foi batizado a 10-JUL-1695 (47). Passou para Itu, onde se casou a 23-MAI-1730 (48) com D. ESCOLÁSTICA DE ARRUDA (em Genealogia Paulistana, IV, 59), batizada a 14-JAN-1710 em Itu, onde ainda vivia em 1790, já viúva, como se vê no recenseamento local, com oito escravos, na rua da Palma, filha do capitão Pedro Dias Leite (sobrinho do grande bandeirante, o governador das esmeraldas Fernão Dias Paes), nascido cerca de 1660 em São Paulo e de sua segunda mulher (casados em 1692 em Parnaíba) D. Antonia de Arruda, nascida cerca de 1675 em São Paulo e falecida em 1727 em Itu.

Em Itu José do Amaral serviu os honrosos cargos da república, da qual extingüindo-se em 1750 o caráter de juiz de fora na pessoa do dr. Teotônio da Silva Gusmão foi José do Amaral o primeiro juiz ordinário da vila de Itu, onde ainda vivia em 1773. Recebeu carta de sesmaria (49) a 25-SET-1772 dada na cidade de São Paulo pelo governador D. Luís Antonio de Souza Botelho Mourão, morgado de Mateus, de uma légua em quadra (cerca de 1800 alqueires

paulistas) em Itu para a sua fábrica de açúcar, na paragem denominada "Morro da Lage", vizinhas as de seus filhos Vicente do Amaral e Antonio do Amaral e às próprias que já possuía. Estas terras, muito provavelmente, ficavam no hoje município de Indaiatuba. Foram pais de:

- F1) D. RITA DE ARRUDA GURGEL, batizada a 03-MAI-1731 em Itu, onde se casou a 30-JAN-1749 com MIGUEL PAES DE ALMEIDA, batizado a 29-SET-1729 em Itu, e que se ausentou para Angola, não dando mais notícia de si, tanto que em 1795 acreditava-se ser morto. Pais, dentre outros, do reverendo JOSÉ DO AMARAL GURGEL DE ALMEIDA (50).
- F2) JOSÉ DE ARRUDA GURGEL, nasceu cerca de 1733 em Itu, onde foi inventariado em 1806 e onde se casou primeira vez em 1758 com D. GERTRUDES DE CAMPOS, segunda vez em 1768 em Sorocaba com D. INACIA DE ALMEIDA LEITE e terceira vez com D. GERTRUDES DE CAMARGO PENTEADO. Teve geração das três.
- F3) VICENTE FERRER DO AMARAL (GURGEL), que segue no V.
- F4) ANTONIO DO AMARAL GURGEL, batizado a 08-OUT-1738 em Itu, onde se casou em 1761 com D. MARIA LEITE DE ARRUDA, com geração.
- F5) D. MARIA DO AMARAL, falecida solteira.
- F6) D. ANA DO AMARAL, que se casou em 1752 em Itu com JOSÉ PAES DE CAMPOS, falecido em 1812 em Itu. Com geração. São ascendentes (sextos avós) do engº JOÃO AUGUSTO CONRADO DO AMARAL GURGEL. Deve-se a esse empresário a popularização do nome Gurgel em solo brasileiro, já que batizou com esse nome uma fábrica de automóveis que fundou no município de Rio Claro (SP), sendo atualmente a única do gênero com tecnologia e capital 100 % nacional.
- F7) D. ANTONIA DE ARRUDA, que se casou em 1761 em Itu com BENTO LEME CÉSAR, viúvo de ISABEL DE MELLO REGO. Dele trata o dr. Alexandre Guimarães dos Santos, que escreveu o excelente livro "Seis Mil Descendentes de Bento Leme César", doado ao Instituto Genealógico Brasileiro através de um exemplar datilografado.
- F8) D. TERESA DE JESUS AMARAL, falecida em 1780 em Itu, onde se casou em 1767 com ANTONIO RODRIGUES LEITE DE SAMPAIO- foram avós maternos de JOAQUIM BONIFACIO DO AMARAL, o "Sete Quedas", visconde de INDAIATUBA, participante ativo na Revolução de 1842, tendo estado no episódio de Venda Grande juntamente com seu tio primo capitão Boaventura do Amaral Camargo (adiante). Do visconde de Indaiatuba é descendente a intelectual e pintora TARSILA DO AMARAL. Antonio Rodrigues era viúvo de D. MARIA DE ARRUDA (com quem se casou em 1749 em Itu), e ficando viúvo de D. Teresa de Jesus casou-se terceira e última vez em 1783 em

Itu com D. ISABEL DE ARRUDA, apenas desta não tendo geração.

- F9) Capitão JOAQUIM (JOSÉ) DO AMARAL GURGEL, ou ainda JOAQUIM DO AMARAL FERRAZ GURGEL, nasceu em Itu onde foi batizado a 19-MAI-1748, e se casou a 17-DEZ-1773 (fls. 72 do livro 22-22) em São Paulo na capela dos Terceiros do Carmo, às cinco horas da manhã com D. MANOELA ANGÉLICA DE CASTRO, natural de Mogi-Mirim. Foram pais do padre MANOEL JOAQUIM DO AMARAL GURGEL, natural de Curitiba e habilitado "de genere et moribus" em 1802, o qual foi vigário de Piracicaba por muitos anos. O padre Manoel Joaquim era homônimo de seu primo, o qual, igualmente padre, foi jornalista, deputado provincial, vice-presidente da província de São Paulo, e diretor da Faculdade de Direito de São Paulo, tratado no princípio deste artigo.

Foram bisavós da BARONESA DE SERRA NEGRA, gente de Piracicaba.

V - VICENTE FERRER DO AMARAL (GURGEL), nasceu em São Paulo, sendo batizado a 09-JUL-1735 em Itu, onde se casou a 11-DEZ-1769 com D. BRÍGIDA SOARES DE CAMARGO, filha do capitão Inácio Soares de Barros e de sua mulher D. Marta Maria de Camargo Lima, com sua genealogia já descrita no trabalho **A origem da família Medella no Brasil**, publicado nesta mesma edição. D. Brígida nasceu em Cotia, onde foi batizada a 03-MAR-1754 e vivia, já viúva, em 1813 em Itu com seus cinco escravos, conforme os recenseamentos de Itu.

Muito provavelmente Vicente Ferrer do Amaral recebeu esse nome por ter nascido no dia em que se comemora o santo espanhol São Vicente Ferrer, que é 5 de abril. Por vezes era denominado Vicente Ferreira do Amaral em terras ituanas, cujo povo não se acostumava com o sobrenome estranho que recebera de seus pais.

Foi morador em Itu, mais exatamente no hoje município de Indaiatuba, no bairro de Itaici, próximo ao bairro de Jundiá (não confundir com o município do mesmo nome), como se vê nos recenseamentos de Itu, pelo seu inventário e pela sesmaria concedida a um seu vizinho, João Antunes de Siqueira, em 14-NOV-1806 (51).

Senhor de engenho em Itu com auxílio de dez escravos em 1808 e com sete ao falecer. Fez testamento a 02-JUN-1812 em Itu (52), nele dizendo ter nascido em São Paulo e se criado em Itu. Por sua morte ocorrida a 23-JUL-1812 em Itu, se fez auto de inventário a 08-JAN-1814, sendo declarante a viúva D. Brígida Soares de Camargo. Dentre outros bens se destacava o "Sítio do Pau Preto", na paragem chamada **Pau Preto**, no então bairro de Indaiatuba com dois engenhos de açúcar e cerca de 272 alqueires paulistas de terra, e ainda uma residência no Pátio da Matriz de Itu, sendo seus vizinhos o capitão

(depois sargento-mor) Inácio Xavier Paes de Campos e D. Agostinha Rodrigues Bueno.

Foram pais de:

- F1) D. ANA (DE JESUS) DO AMARAL GURGEL, batizada a 28-OUT-1770 em Itu, onde se casou em 1797 com o português JOÃO MANOEL GIL FERREIRA, tenente. Com geração.
- F2) D. MARIA DE JESUS ANA, batizada a 09-JAN-1773 em Itu (fls. 78-v), e parece ter falecido dentre 1782 e 1790.
- F3) D. ANTONIA DE PADUA DO AMARAL GURGEL, nasceu em Itu, onde foi batizada a 15-MAR-1774 e onde se fez auto de inventário por sua morte a 06-FEV-1830. Casou-se a 09-SET-1797 em Itu com seu parente BALDUÍNO DE MELLO CASTANHO E SAMPAIO, nascido em Itu e batizado a 29-MAI-1765 em Sorocaba, e inventariado em 1847 em Itu, onde foi senhor de engenho. Vide em **Os Irmãos Mellos de Itu** a sua descendência, nesta mesma edição.
- F4) JOÃO EVANGELISTA DO AMARAL, batizado a 23-JAN-1776 em Itu (fls. 146-v do livro nº 5). Casou-se em 1802 em Porto Feliz com sua prima D. GERTRUDES DO AMARAL CAMPOS.
- F5) Padre MELCHIOR DE PONTES AMARAL, batizado a 08-JAN-1777 em Itu. Habilitado "de genere et moribus" em 1795 em S. Paulo. Residiu em Itu e depois em Capivari, onde faleceu a 15-MAR-1850, segundo o já citado trabalho de Celso Maria de Mello Pupo - "As Cadeiras do Ouvidor".
- F6) D. BRIGIDA MARIA SOARES DE CAMARGO, nascida cerca de 1781 e falecida solteira.
- F7) D. GERTRUDES SOARES DE CAMARGO, nascida cerca de 1781 em Itu, onde se casou em 1801 com o capitão JOSÉ INACIO DE CAMARGO PENTEADO, com geração.
- F8) D. FRANCISCA SOARES DO AMARAL, nascida cerca de 1785 e falecida solteira em Itu, sendo inventariada em 1869, segundo o trabalho de Celso Maria de Mello Pupo.
- F9) D. BERNARDA, nascida cerca de 1788. Deve ter falecido criança.
- F10) Capitão BOAVENTURA DO AMARAL CAMARGO ou BOAVENTURA SOARES DE CAMARGO, nascido cerca de 1788 em Itu. Recebeu patente (53) a 13-MAI-1813 de alferes da 2ª Companhia do 1º Batalhão de Infantaria da Legião da Cidade de São Paulo, em cuja patente se vê que antes fora sargento de infantaria da Legião da capitania de São Paulo, destacada na de São Pedro do Sul (atual estado do Rio Grande do Sul), para cuja promoção serviu a recomendação de D. Diogo de Souza, governador e capitão-general da capitania de São Pedro. Em 1814 aparece no inventário de seu pai como soldado pago e destacado no sul do País, sendo ainda solteiro.

Sobre ele escreveu (54) Omar Simões Magro: "Tendo partido para o sul com a Legião de São Paulo, acompanhara-a em suas gloriosas marchas até que em Montevidéu foi a infantaria de que fazia parte transformada no 7º Batalhão de Caçadores. Com este regressou a São Paulo em 1829, e nele se conservou com o posto de tenente. Aí o foi buscar o brigadeiro Tobias (Rafael Tobias de Aguiar) para comandar, comissionado em capitão, o Corpo Municipal de Permanentes- origem da atual Força Pública (hoje extinta e seus membros incorporados à Polícia Militar)- e nesse cargo permaneceu desde 30 de novembro de 1832 até 5 de julho de 1834. Voltando à sua unidade, obteve reforma, ainda como capitão".

Envolveu-se na Revolução de 1842, da qual era líder seu primo irmão o ex-regente do Império padre Diogo Antonio Feijó. Boaventura foi um dos comandantes das forças revolucionárias de "Venda Grande", em Campinas, onde se travou violenta batalha a 7 de junho de 1842, na qual foi um dos poucos que faleceram. O duque de Caxias, comandante das tropas do governo, dele teria dito: "Foi um bravo. É pena que o Brasil perca homens deste feitio". Dito por quem foi dito, e do lado contrário, veio a ser o maior elogio que o capitão Boaventura poderia ter recebido.

Segundo Celso Maria de Mello Pupo (55), Boaventura do Amaral deixou quatro filhos: FRANCISCO BOAVENTURA DO AMARAL, CÂNDIDO DO AMARAL, FILADELFO DO AMARAL e BOAVENTURA ANSELMO DO AMARAL, conforme o inventário dos bens deixados pelo padre Melchior de Pontes Amaral (acima, em F5) no tabelionato de Capivari.

- F11) TOMAS JOSÉ DO AMARAL nasceu cerca de 1790 em Itu. Casou-se em 1815 em Campinas com D. MARIA DA LAPA BARBOSA, com geração.
- F12) D. MARIA DO AMARAL GURGEL, batizada a 25-JUN-1791 em Itu. Foi a segunda mulher do então capitão MANDEL JOSÉ VAZ BOTELHO, com quem promoveu dispensa matrimonial em 1808 (56). Ele era viúvo de outra D. MARIA DO AMARAL GURGEL com quem havia se casado em 1791 em Itu, a qual faleceu a 01-JUL-1808 em Porto Feliz aos 39 anos de idade. Esta D. Maria do Amaral Gurgel teve por sua morte auto de inventário a 30-JUL-1808 em Porto Feliz (57), onde se vê que o casal possuía dois sítios, um no bairro de Rio Acima e outro no de Capivari, que era o maior; trabalhavam em suas terras quarenta e dois escravos e possuíam uma biblioteca de quatorze livros.

Manoel José teve geração das duas. Foi depois capitão-mor e guarda-mor de Porto Feliz. Deste segundo casamento procedem os Amaraes de Capivari, como o escritor e contador de casos CORNÉLIO PIRES (conhecia bem a sua genealogia e se gabava de ser Amaral Gurgel), o jornalista e escritor AMADEU AMARAL, o jornalista e deputado RUBENS DO AMARAL, a mulher do grande filólogo JÚLIO RIBEIRO. Deste segundo casamento é trineto o genealogista JOSÉ UBALDINO MOTTA DO AMARAL.

#### NOTAS E BIBLIOGRAFIA:

- (1) Faes Leme, Pedro Taques de Almeida- Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica- São Paulo- 1953- Livraria Martins Editora, volume II, p. 23.
- (2) Idem, volume I, p. 121 e 122.
- (3) Silva Leme, Luiz Gonzaga da- Genealogia Paulistana- São Paulo- 1905- Duprat & Companhia, volume VI, p. 121 a 123.
- (4) Leme, Roque de Macedo- As árvores de costado do cónego Roque de Macedo Leme- Biblioteca Genealógica Brasileira, volume nº 10, comentadas pelo coronel Salvador de Moya- árvore de nº 44, publicação do Instituto Genealógico Brasileiro.
- (5) Gurgel, Heitor- Uma Família Carioca do Século XVI- Rio de Janeiro- 1964- Editora São José.
- (6) Famílias Brasileiras de Origem Germânica, edição especial da "Revista Genealógica Latina"- Subsídios Genealógicos- São Paulo- 1967, publicação conjunta do Instituto Genealógico Brasileiro e do Instituto Hans Staden, volume V, p. 794.
- (7) Amaral, Aldysio Gurgel do- Na trilha do passado- Genealogia da Família Gurgel- Fortaleza (CE)- 1987- Tipografia Minerva.
- (8) Habilitação ao Santo Ofício (Arquivo da Torre do Tombo em Lisboa, Portugal), ano 1713, maço nº 21, habilitação nº 347- de José Corrêa do Amaral (Gurgel).
- (9) Rheingantz, Carlos G.- Primeiras Famílias do Rio de Janeiro- Rio de Janeiro- 1965- Livraria Brasileira Editora- I, 117; II, 324.

(10) Assento lançado às fls. 33-v do 1º livro de casamentos da Sé do Rio de Janeiro (Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro):

"Antonio Ramalho

"No dito ano acima (corria 19 de abril de 1621) das três para as quatro horas da tarde, recebi por palavras de presente nesta Sé Matriz feitas as três diligências necessárias, que de direito se requeria, com as solenidades e bençãos, que se requerem, a Antonio Ramalho filho de Francisco Ramalho e de sua mulher Maria Mendes moradores em Torres Vedras, da freguesia de NS. de Oliveira, com Maria do Amaral, filha de Tusem Grugel e de sua mulher Domingas Darão, moradores nesta cidade. Testemunhas: Luis Ferreira, Miguel Carvalho, Sebastião Lobo, José de ..... (inutilizado), Pedro da Silva, Pedro **Peixote** (na dúvida) e outro muito povo.

"Martim Fernandes."

(11) Assento lançado às fls. 6-v do livro nº 1 de batizados da Sé do Rio de Janeiro:

"Ángela

"Em 9 do dito (corria o mês de novembro de 1616) batizei a Angela filha de Gorgel do Sim e de sua mulher Domingas Darão. Foi padrinho Francisco Alvares da Fonseca e madrinha Catarina de Medeiros mulher de Antonio Fernandes Góes- e teve óleos.

"O coadjutor Pedro Homem Albernaz."

(12) Processo de habilitação "de genere et moribus" de José de Amaral, não catalogado, no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

(13) Assento lançado às fls. 26-v do livro nº 1 de batizados da Sé do Rio de Janeiro:

"Em o 1º de setembro (corria o ano de 1619) batizou Domingas filha de Tosem Gorgel e de sua mulher Domingas d'Arão. Foi padrinho João Bernardes e madrinha Isabel do Amaral, viúva, e teve óleos.

"Martim Fernandes."

(14) Assento lançado às fls. 50 do 1º livro de batizados da Sé do Rio de Janeiro:

"Em o dia acima (7 de março de 1622) batizei Antonia filha de Tosem Grogel e de sua mulher Domingas Darão. Foi padrinho Antonio de Macedo, e madrinha Isabel d'Amaral, viúva- teve óleos.

"Martim Fernandes."

(15) Assento lançado às fls. 68-v do livro nº 2 da igreja da Candelária da cidade do Rio de Janeiro (Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro):

"Mecia de Arão

"Em vinte e cinco de maio de mil, seiscentos e oitenta e sete faleceu Mecia de Arão. Deixou por seus testamenteiros a seu marido José Nunes da Silva e a seu filho Bento do Amaral da Silva, ordenou fosse sepultado seu corpo em Santo Antonio, e amortalhado em o hábito da mesma religião, aos mais de seu enterro e sufrágios deixou .... diz possuíam de seu marido, ordenou-se-lhe dissessem no convento de Santo Antonio vinte e cinco missas, a saber cinco às Chagas de Cristo, cinco à Nossa Senhora da Conceição, cinco à São Francisco, cinco às almas do purgatório, e cinco ao Menino Jesus, ..... mais que se lhe dissessem no dia de seu falecimento podendo ser quando ..... por sua alma as missas que nesse dia pudessem dizer os religiosos ..... Nossa Senhora do Carmo, e desta maneira houve por acabado quanto ao pio.

"Sebastião Bar..... de Brito (?)."

(16) Carvalho Franco, Francisco de Assis - Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil- 1954- São Paulo.

(17) Série de Autos Cíveis- Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo (Secretaria da Cultura)- nº de ordem: 3.455.

(18) Sanches de Baena, Augusto Romano- Arquivo Heráldico- Genealógico- 1873- Lisboa- I, 188, nº 749.

(19) Assento lançado às fls. 86-v do 3º livro de batizados da Sé do Rio de Janeiro (Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro):

"Bento

"Mês de abril de 1647

"Em 3 de abril batizei e pus os Santos óleos com licença do senhor padre vigário a Bento, filho de José Nunes e de sua mulher Mecia d'Arão. Foram padrinhos João de Azevedo Roxas e Isabel Gurgel.

"Francisco do Amaral."

(20) Carvalho Franco, Francisco de Assis- Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil, São Paulo, edição 1954, Indústria Gráfica Siqueira S/A, pág. 371.

(21) Hortmann, frei Adalberto- F.O.M., "História da Antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo", na 16ª publicação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 161.

(22) Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo- 1982- vol. 78, pp. 121 a 158, artigo de Celso Maria de Mello Pupo: "As Cadeiras do Ouvidor".

(23) Série de Sesmarias, Patentes e Provisões- Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo- livro nº 12 (1717-1721), fls. 10-v e 11.

(24) Inventário nº 14.308 do 1º ofício, em 1719, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, sob nº de ordem 668, do sargento-mor Bento do Amaral da Silva.

(25) Processo nº 4-14-91, em 1741, de dispensa matrimonial no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, entre Francisco Xavier de Almeida e Rita Leme, ou Rita do Amaral, do gentio da terra, afilhada do sargento-mor José Pinto de Mesquita e Castro, e filha de Gabriel do Amaral, da administração do dito sargento-mor.

(26) Livro nº 2 de Sesmarias, Patentes e Provisões, fls 62 e 62-v, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo.

(27) Processo nº 15-1-5, de divórcio requerido por D. Escolástica de Godoy e Silva, existente no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

(28) Autos cíveis entre o sargento-mor José Pinto de Mesquita e Castro e Paulo Carlos da França - maço nº 187, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, sob nº de ordem 3446.

(29) Inventário nº 15.023 do 1º ofício, em 1737, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo sob nº de ordem 734, de D. Escolástica de Godoy e Silva.

(30) Inventário de D. Escolástica da Silva, na série de inventários e testamentos não publicados, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, sob nº de ordem 520.

(31) Autuação de uma petição de emancipação de Bento do Amaral Gurgel em 1725 na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo sob nº de ordem 505.

(32) Processo nº 4-16-101, de dispensa matrimonial, no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

(33) Costa, Licurgo- O Continente das Lagens- Florianópolis (SC)- 1982- Fundação Catarinense de Cultura, 4 volumes- I, 135 d 335.

(34) Justificação que fizeram D. Beatriz Leoniza do Amaral Gurgel e outros para se habilitarem à herança de sua avó D. Ana Gurgel do

Amaral em 1783- na Divisão do Arquivo do Estado de São, processo nº 15.339 de inventários do 1º ofício, sob nº de ordem 757.

(35) Processo sem número (a catalogar), de dispensa matrimonial entre Manoel Bezerra Cavalcanti e D. Mecia de Arão Gurgel, existente no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, feito em 1722.

(36) Costa, Licurgo- obra citada- I, 109.

(37) Inventário de D. Isidora do Amaral, em 1750, de nº 14.325, do 1º ofício, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo sob nº de ordem 670.

(38) Costa, Licurgo- obra citada- I, 333.

(39) Livro nº 18 de Sesmarias, Patentes e Provisões, fls. 18-v, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, sob nº de ordem 366.

(40) Livro nº 22 de Sesmarias, Patentes e Provisões, fls. 117, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, sob nº de ordem 368.

(41) Costa, Licurgo- obra citada, I, 107 e 113.

(42) Assento de casamento lançado às fls. 46 do livro C-1 de NS. dos Prazeres dos Campos de Lages (gentileza de José Ubaldino Motta do Amaral):

"Aos quatro de abril de mil setecentos noventa e seis anos, de manhã, nesta igreja matriz de Nossa Senhora dos Prazeres da vila de Lages, depois de feitas três denúncias canônicas, com licença do ordinário, em minha presença, e das testemunhas o sargento-mor Miguel Pedroso e o capitão Antonio Marques, ambos casados nesta freguesia, casaram-se o capitão-mor Bento do Amaral Gurgel, natural da vila de Taubaté, filho legítimo do alferes José Gonçalves Ribeiro dos Reis e de Dona Isidora do Amaral Gurgel, ambos falecidos, com Dona Genoveva Fontoura, filha legítima do sargento-mor Miguel Pedroso e sua mulher Dona Inocência Pinto, e logo receberam as bênçãos do que, para constar, fiz este assento."

"... Joaquim Gomes ....."

"Miguel Pedroso"

"Antonio Marques Arzão".

(43) Fonseca Guimarães, João Pinto da - Jorge Godofredo Felizardo- Genealogia Riograndense- 1937- Livraria do Globo- Porto Alegre- I, 31.

(44) Assento de óbito lançado às fls. 29-v do livro nº 2 da vila de Lages (gentileza de José Ubaldino Motta do Amaral):

"Aos oito dias do mês de junho de 1812, nesta Paróquia de NS. dos Prazeres dos Campos das Lages, faleceu o capitão-mor regente Bento do Amaral Gurgel, de moléstia interna, oitenta e tantos anos mais ou menos, foi enterrado acima das grades. Recomendado por mim, para constar fiz este assento.

"O vigário José Muniz Gaspar."

(45) Assento de óbito lançado às fls. 34-v do livro nº 2 da vila de Lages (gentileza de José Ubaldino Motta do Amaral):

"Aos vinte e dois dias do mês de abril do ano de mil oitocentos e quinze, nesta Freguesia de N.S. dos Prazeres da vila de Lages, faleceu da vida presente Dona Genoveva Raquel da Fontoura, viúva por falecimento do capitão-mor Bento do Amaral Gurgel Annes, de idade de trinta e seis anos mais ou menos, recebeu os Sacramentos, exceto os da Eucaristia por não poder engolir, hidrópica, quase sem sentido. Foi por mim recomendada (sic) e sepultada logo abaixo dos arcos e para constar fiz este assento.

"O vigário Joaquim de Sá e Sottomaior."

(46) Série de Sesmarias, Patentes e Provisões- Divisão do Arquivo do Estado de Estado de São Paulo- nº de ordem 372, livro nº 32.

(47) Assento lançado às fls. 77-v do inventário de seu pai-vide nota 24:

"Aos dez dias do mês de julho de mil e seiscentos e noventa e cinco anos batizei e pus os Santos óleos a José inocente, filho do sargento-mor Bento do Amaral da Silva e de sua mulher D. Escolástica de Godoy: foram padrinhos Gaspar de Godoy Motta e Ana de Lima (sua avó materna ?).

"O coadjutor Pedro de Godoy Moreira".

(48) Assento lançado às fls. 11 e 11-v do 2º livro de casamentos de Itu (1728 - 1741) no Arquivo da Cúria Diocesana de Jundiá:

"José do Amaral Gurgel filho do sargento-mor Bento do Amaral da Silva e de sua mulher Escolástica de Godoy já defuntos (na verdade apenas o pai era falecido) moradores na cidade de São Paulo se recebeu por palavras de presente com Escolástica de Arruda filha do capitão Pedro Dias Leite e de sua mulher Antonia de Arruda já defuntos moradores desta própria vila perante mim Félix Nabor vigário confirmado desta igreja. Sendo testemunhas o sargento-mor João de Mello com o capitão-mor Manoel de Sampaio Pacheco, Bernarda de Arruda....., Gertrudes de Arruda (na dúvida) aos vinte e três de maio de mil e setecentos e trinta com provisão do reverendo padre

vigário da Vara de que fiz este assento.

"Félix Nabor."

(49) Livro nº 19 de Sesmarias, Patentes e Provisões, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, sob nº de ordem 367, às fls. 34-v, 35 e 35-v.

(50) Processo de habilitação de "genere et moribus", processo nº 1-66-522, Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

(51) Livro nº 32 de Sesmarias, Patentes e Provisões, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, sob nº de ordem 372.

(52) Inventário de Vicente Ferrer do Amaral, maço 19-B, nº 02, no Museu Republicano "Convenção de Itu".

(53) Livro nº 35 de Sesmarias, Patentes e Provisões, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, sob nº de ordem 374, às fls. 134-v e 135- 1ª parte.

(54) Jornal "Diário Popular", de São Paulo, de 16 de maio de 1932, artigo de autoria de Omar Simões Magro: "Apuros de um chimango", conforme se vê na nota seguinte.

(55) Revista da Academia Paulista de História- volume 2, ano 1982, páginas 83 a 108 no artigo de Celso Maria de Mello Pupo: "O Combate de Venda Grande em 1842".

(56) Processo de dispensa matrimonial nº 8-13-3618, no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

(57) Inventário de D. Maria do Amaral Gurgel, existente no Museu Paulista do Ipiranga, em São Paulo- Seção de Documentação Histórica, ano 1808.